



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação Física
Graduação em Licenciatura em Educação Física

Pedro Paulo Soares Ramos

**O papel da escola na detecção e formação de talentos esportivos
na perspectiva de atletas profissionais de elite**

Brasília

2017

Pedro Paulo Soares Ramos

O papel da escola na detecção e formação de talentos esportivos na
perspectiva de atletas profissionais de elite

Monografia apresentada como pré-
requisito para obtenção do título de
licenciado em Educação Física pela
Faculdade de Educação Física da
Universidade de Brasília

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique
Azevêdo

Brasília

2017

Pedro Paulo Soares Ramos

O papel da escola na detecção e formação de talentos esportivos na
perspectiva de atletas profissionais de elite

Monografia apresentada como pré-
requisito para obtenção do título de
licenciado em Educação Física pela
Faculdade de Educação Física da
Universidade de Brasília

Brasília, 04 de dezembro de 2017

Banca examinadora

Prof. Dr. Paulo Henrique Azevêdo
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Nicolas Caballero Lois
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Victor Lage
Universidade de Brasília

Resumo

O esporte possui grande influência na sociedade brasileira. A cada Jogos Olímpicos e Copas do Mundo de Futebol, a população se mobiliza na torcida para que atletas que representam sua nação, atinjam o lugar mais alto do pódio. Uma conquista deste porte é resultado de uma vida dedicada ao esporte, consequência de um longo processo, iniciado ainda na infância e juventude, que passa pela detecção do talento, iniciação e especialização esportiva, até a profissionalização. No entanto, não existe um consenso de quem deva assumir a responsabilidade pela efetivação destas etapas. Pela quantidade de crianças e adolescentes que recebe, muitos acreditam que a escola seria o agente ideal para assumir este papel. Além do potencial humano que dispõe seria um local para democratizar o acesso ao esporte, que cada vez mais está restrito aos clubes, onde apenas uma pequena parcela da população tem condições de usufruir. Por isso, este trabalho buscou conhecer a percepção de atletas profissionais de elite acerca do papel da escola na detecção e formação de talentos esportivos. Para isso, utilizando como instrumento de coleta de dados um questionário, 21 atletas e ex-atletas de elite de diferentes esportes e que tiveram relação com o Distrito Federal, participaram da pesquisa. Verificou-se que estes acreditam que a escola possa compor a base do esporte nacional, podendo ela proporcionar o primeiro contato com o esporte e assim participar da iniciação esportiva e detecção de talentos. Porém, quanto à ideia da formação de atletas na escola, verificou-se duas linhas de pensamento. Uma entende que a escola deva também atuar com este propósito e outra que defende que, identificados os talentos, estes sejam encaminhados para locais específicos de formação esportiva. Por fim, a pesquisa apontou uma quase unanimidade quanto a percepção dos entrevistados sobre a fragilidade da atual estrutura de formação de atletas no Brasil, sendo que 52,4% a consideraram regular, enquanto 42,9% a definiram como péssima.

Palavras chaves: Esporte, Educação Física escolar, Detecção de talentos, Formação de atletas, Atletas profissionais de elite.

Lista de figuras

Figura 1 - Fatores complicadores para a prática esportiva na educação física em escolas públicas brasileiras.....	24
Figura 2 - Modelo teórico dos nove pilares da estrutura esportiva que influenciam o sucesso internacional.....	27

Lista de tabelas

Tabela 1 - Dados de idade e locais durante a formação esportiva dos atletas entrevistados.....	33
--	----

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Frequência do esporte como conteúdo nas aulas de educação física dos atletas entrevistados.....	29
Gráfico 2 - Estrutura disponível nas escolas as quais os atletas entrevistados estudaram.....	30
Gráfico 3 - Percepção sobre a contribuição da escola para a carreira esportiva dos atletas entrevistados.....	31
Gráfico 4 - Nível de escolaridade dos atletas entrevistados.....	31
Gráfico 5 - Percepção sobre as obrigações que as atividades físicas desenvolvidas na escola deveriam desempenhar.....	34
Gráfico 6 - Percepção sobre o atual modelo de detecção e formação de atletas no Brasil.....	37

Índice

Resumo.....	4
Lista de figuras.....	5
Lista de tabelas.....	5
Lista de gráficos.....	5
1. Introdução.....	8
2. Objetivo.....	10
2.1 Objetivo geral:.....	10
2.2 Objetivos específicos:.....	10
3. Justificativa.....	11
4. Metodologia.....	13
4.1 Procedimentos metodológicos.....	14
4.2 Amostra.....	15
4.2.1 Caracterização da amostra.....	16
5. Fundamentação Teórica.....	17
5.1 O Esporte e a educação física escolar.....	17
5.1.1 O início da Educação Física no Brasil e introdução do esporte de rendimento na escola.....	17
5.1.2 A educação física hoje: o esporte como conteúdo pedagógico.....	19
5.2 Detecção e formação de atletas.....	19
5.2.1 Talento esportivo.....	20
5.3 A detecção de talentos e formação esportiva na escola: da busca às desconfianças.....	22
5.4 Formação esportiva: De quem é a responsabilidade?.....	25
5.5 Sucesso esportivo nacional.....	26
6. Resultados e Discussões.....	28
6.1 Formação escolar e características da educação física vivenciada.....	28
6.2 Escolaridade e carreira profissional.....	31
6.3 Iniciação e formação esportiva.....	32

6.4 Percepção sobre a detecção e formação de atletas pela escola.....	33
7. Conclusão.....	39
8. Bibliografia.....	41
9. Apêndice.....	43

1. Introdução

O esporte como um fenômeno cultural e social possui grande importância e influência sobre a sociedade brasileira, tornando difícil desvinculá-lo de outros setores, entre eles a educação. Na escola, é na educação física onde a prática esportiva se manifesta e é dela a responsabilidade de transformá-lo em um conteúdo pedagógico. A prática esportiva pode assumir diferentes objetivos. É uma destas finalidades que ele assume no ambiente escolar o ponto central deste trabalho.

As competências atribuídas à educação física escolar foram alvo de influências ao longo das últimas décadas. Desde a inserção maciça do esporte na educação física escolar na década de 60 até o fracasso brasileiro nos Jogos Olímpicos de 2000, a escola ganhou mais notoriedade como responsável pelo processo de detecção e formação de novos talentos esportivos. O interesse é de aproveitar este ambiente para atuar na maturação destes talentos, visando o aproveitamento destes no esporte de alto rendimento, podendo reverter estas potencialidades em possíveis medalhas no futuro. Fato que representa não apenas uma melhora no desempenho olímpico como também uma mostra da força do país.

Para tanto, existe grande preocupação entre os autores contrários a incorporação da escola no processo de formação atlética. Julgam que este novo objetivo possa desvincular a real função da educação física escolar. Nessa perspectiva, o esporte passa a assumir de forma dominante o papel de principal conteúdo da educação física escolar. Em muitas escolas, ele é o único. Esta restrição é considerada maléfica por eles, ainda mais quando este se trata de um campo rico em manifestações corporais em que se possa trabalhar. Não chega a surpreender a compreensão geral da educação física escolar como uma prática desportiva ou vice-versa.

Assim, a prerrogativa da detecção e formação esportiva dentro da escola torna-se um assunto conflitante nas discussões sobre o tema, pois não compactuaria com a visão do papel da educação física escolar segundo diversos autores. Tal processo caracteriza-se na seleção dos indivíduos com maior potencial ou aptidão para a modalidade, e, conseqüentemente, pela exclusão dos não selecionáveis. Logo, caberia ao clube ou a escolinhas esportivas especializadas cumprir com este papel.

Por outro lado, a escola também pode ser vista como um espaço oportuno para proporcionar que um número maior de crianças e jovens tomem contato com diferentes esportes e com a iniciação esportiva, assim aumentando a probabilidade do surgimento de novos talentos. Complementa-se na defesa da escola, a possibilidade do esporte ser utilizado como ferramenta de diminuição da evasão escolar ao abrir novas perspectivas e motivações aos alunos atletas e como um importante meio de transformação social.

Assim como caberia a escola, a formação de atletas é realidade nos clubes, instituições privadas que podem atuar especificamente para esta finalidade. Segundo dados do Tribunal de Contas da União, em de auditoria sobre o esporte de alto rendimento brasileiro, em 2010, eram mais de 13 mil clubes espalhados pelo país. Eles, no entanto, atendem prioritariamente as classes mais altas e se concentram majoritariamente nas regiões Sul e Sudeste, beneficiando um nicho específico e pequeno em relação à população nacional. Estes dados colaboram para justificar o interesse em atribuir mais esta função a escola e assim permitir que um universo maior de crianças e jovens possam se tornar atletas.

É nessa perspectiva que as políticas públicas de esporte no país depositam suas esperanças para detectar e desenvolver novos talentos para o esporte. Em especial com o programa Atleta na Escola.

Diante do exposto anteriormente, o objetivo deste trabalho foi discutir se cabe a escola o papel de atuar na detecção e desenvolvimento de jovens talentos esportivos, tendo como base uma revisão bibliográfica sobre o tema e o perspectiva de atletas e ex-atletas brasileiros de alto nível acerca do assunto, por meio de questionário aplicado aos mesmos.

2. Objetivo

2.1 Objetivo geral:

Analisar a percepção de atletas profissionais de elite acerca do papel da escola na detecção e formação de talentos esportivos.

2.2 Objetivos específicos:

- Relatar sobre a presença marcante do esporte na educação física escolar;
- Investigar aspectos ligados à formação escolar dos atletas profissionais de elite deste estudo;
- Investigar aspectos ligados à iniciação e formação esportiva dos atletas profissionais de elite deste estudo;
- Verificar os papéis que as atividades físicas desenvolvidas na escola devem desempenhar na opinião dos atletas profissionais de elite deste estudo.
- Analisar a percepção dos atletas profissionais de elite entrevistados sobre a atual estrutura de detecção e formação de atletas no Brasil.

3. Justificativa

Tema de constantes debates, a “esportivização” da educação física escolar, acompanhado pela apropriação do esporte de alto rendimento pela mesma, permanece dividindo opiniões. Conhecer o tema sob diferentes perspectivas colabora para a discussão, que deve pautar-se na tentativa permanente de promover melhorias e contribuições para área, impactando em sua maior valorização no ambiente escolar.

Dito isso, este trabalho pretendeu, além de apresentar tal situação, referenciado por uma revisão bibliográfica, buscou avançar sobre este tema adotando outra perspectiva ainda pouco explorada na literatura: a percepção de atletas de alto nível sobre o assunto.

Buscou-se, portanto, conhecer a percepção destes sujeitos que foram frutos da estrutura de formação e desenvolvimento de atletas no Brasil, acreditando no potencial de informações e de descobertas que poderiam ser obtidas a partir deste estudo. Desta forma, conhecer a perspectiva de quem passou por este processo e alcançou o mais alto nível no esporte, pode nortear melhorias na atual estrutura de formação esportiva no país e assim beneficiar os atuais e futuros talentos.

Além disso, projetos para prospecção e formação de atletas fazem parte da agenda governamental do esporte brasileiro há alguns anos. O foco, sem dúvida, era em ter atletas com resultados relevantes nos megaeventos esportivos realizados no país, em especial os Jogos Olímpicos de 2016.

Soma-se a estes argumentos, a ideia cada vez mais aceita, vide o exemplo de outras potências olímpicas, que o investimento na base do esporte é fundamental para alavancar os resultados esportivos de um país a médio e longo prazo. Historicamente, na realidade brasileira, está na escola a aposta para fornecer as novas revelações para o esporte profissional.

Ainda por se tratar de uma pesquisa que ouviu atletas, sobretudo do Distrito Federal, buscou-se contribuir com um maior entendimento sobre a realidade de formação esportiva local. Notadamente, o DF é um celeiro de atletas, haja vista a quantidade de destaques em diversas modalidades que nasceram ou começaram esportivamente nele. Além disso, é uma região de grande importância nacional e até internacional, por se tratar

da capital do Brasil, o maior país em termos econômicos, geográficos e populacionais da América Latina.

Finalmente, espera-se que este trabalho contribua de forma significativa para a educação física escolar, podendo ser úteis para professores de educação física em atividade, professores em formação, gestores de escolas, treinadores e até formuladores de políticas públicas nas áreas de educação e esporte.

4. Metodologia

O presente trabalho foi organizado em duas grandes partes. Na primeira foi feita uma pesquisa bibliográfica, enquanto na segunda, uma pesquisa descritiva. Antes de tudo, vale salientar a importância da pesquisa na produção de conhecimento. Gil (2002) a define como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. Gil (2002) acrescenta que a necessidade em realizar uma pesquisa surge a partir de quando não há informações suficientes para responder um problema em estudo, ou quando estas informações estão em desordem, de forma que não podem ser relacionadas ao problema.

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Isto é, reconhece contribuições científicas do passado existente sobre determinado tema ou problema, podendo ainda ser realizada de forma independente ou conjugada à pesquisa descritiva ou experimental. Neste caso, ela é feita no intuito de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para o qual se procura uma resposta ou uma hipótese que se quer experimentar (CERVO e BERVIAN, 2002, p. 65, 66). Para este trabalho, a pesquisa bibliográfica buscou apresentar referências acerca do esporte como conteúdo da educação física escolar; do talento esportivo; da formação esportiva; da formação esportiva na e pela escola; e de programas como o Atleta na Escola.

Já a pesquisa descritiva possui caráter qualitativo e caracteriza-se por observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los (CERVO e BERVIAN, p.66, 2002). Ainda segundo estes autores, a pesquisa descritiva pode assumir diversas formas, entre as quais a pesquisa de opinião é a que mais se assemelha para este trabalho. Ela caracteriza-se por procurar conhecer pontos de vista, opiniões e preferências de um grupo de pessoas a respeito de algum assunto (CERVO e BERVIAN, p.67, 2002). Neste caso, a percepção, opinião de atletas de elite sobre o papel da escola na detecção e formação de talentos esportivos.

Para alcançar tal objetivo, o instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário. De acordo com Cervo e Bervian (2002) o questionário trata-se de “um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”.

Além disso, é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja.

Outras vantagens no uso de questionários podem ser citadas a partir das leituras de Marconi e Lakatos (2003, p. 201-202) e Gil (2002): atinge grande número de pessoas simultaneamente; abrange uma extensa área geográfica; economiza tempo e dinheiro; garante o anonimato dos entrevistados, com isso maior liberdade e segurança nas respostas; permite que as pessoas o respondam no momento em que entenderem mais conveniente; não expõe o entrevistado à influência do pesquisador; obtém respostas mais rápidas e mais precisas; possibilita mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento; e obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis.

Neste trabalho, o questionário conjugou perguntas abertas e fechadas. Enquanto as perguntas fechadas são padronizadas, de fácil aplicação, codificação e análise, as perguntas abertas, para obtenção de respostas livres, possibilitam conseguir informações mais ricas e variadas, embora careçam de maior análise e dificuldade de codificação de dados (CERVO e BERVIAN, p.48, 2002).

4.1 Procedimentos metodológicos

A revisão de literatura e a confecção da fundamentação teórica deste trabalho foram realizadas entre os meses de agosto e outubro de 2017. No mesmo período, foram delimitados os objetivos e os moldes da pesquisa que se objetivou fazer.

O instrumento de coleta de dados, na forma de questionário, passou por fases de confecção, avaliação e ajustes. Com o questionário pronto, ele foi repassado para a ferramenta Google Forms. Após esta etapa a aplicação ocorreu via correio eletrônico (e-mail). No total foram recebidas respostas de 21 atletas.

A etapa de análise dos dados foi realizada na segunda quinzena de novembro de 2017. Por fim, este trabalho foi concluído no final de novembro e apresentado em 06 de dezembro de 2017.

4.2 Amostra

Para este estudo, foi idealizada uma amostra por conveniência. A seleção dos indivíduos elegíveis para a pesquisa se deu em dois níveis descritos a seguir:

Primeiramente, era preciso obedecer aos seguintes critérios de inclusão:

- Ser brasileiro;
- Ser atleta, em atividade ou aposentado, que tenha alcançado o esporte de rendimento e resultados destacáveis à escala nacional e ou internacional em suas respectivas modalidades;
- Ter convocação(ões) para seleção brasileira adulta de sua modalidade;
- Ter participação em grandes competições como Pan-Americano, Jogos Olímpicos e ou campeonatos mundiais de sua modalidade;

Atendidos todos os critérios acima, por uma delimitação geográfica, os selecionáveis para o estudo também deveriam se encaixar em um dos casos a seguir:

- Ser natural do Distrito Federal;
- Sendo natural de outro estado, ter sido radicado ou ter estudado no Distrito Federal durante a educação básica;
- Ter representado o Distrito Federal ou alguma equipe local por pelo menos um ano em competições nacionais e ou internacionais;
- Residir e ou trabalhar atualmente no Distrito Federal.

Apenas eram elegíveis para a participação na pesquisa os atletas que obedeciam as condições dispostas acima.

É válido salientar que este estudo reconhece a importância do esporte paralímpico para a sociedade e da contribuição que uma amostra mais abrangente, envolvendo também atletas e ex-atletas paralímpicos, poderia oferecer. No entanto, acredita-se que as diferenças quanto as experiências em relação a escola, a educação física escolar, ao acesso ao esporte e, conseqüentemente, ao processo de formação esportiva destes indivíduos poderiam enviesar os resultados deste estudo.

No entanto, há a sugestão que novos estudos contemplem este público, seja com a incorporação destes com atletas sem deficiência, como um estudo comparativo das percepções de ambos os públicos, ou de forma isolada, de forma a traçar a visão geral deste público sobre o processo de detecção e formação de atletas.

4.2.1 Caracterização da amostra

Um total de 33 questionários foram enviados, dos quais se obteve resposta de 21 atletas (os nomes dos participantes deste estudo está disponível no apêndice deste trabalho). Destes, 14 são do sexo masculino e sete do sexo feminino. 14 respondentes já haviam se retirado do esporte profissional, ao passo que sete permanecem em atividade. A idade média dos respondentes foi de 42 anos e 18 dias, variando entre 26 e 57 anos.

Dos 21 entrevistados, 17 estudaram mais tempo no Distrito Federal, dois no estado de São Paulo, um no Rio de Janeiro e um em Goiás.

Foram entrevistados atletas que fazem ou fizeram carreira nas seguintes modalidades: atletismo, vôlei, basquete, tênis, marcha atlética, natação, saltos ornamentais, judô, tiro esportivo, triatlo e handebol.

5. Fundamentação Teórica

5.1 O Esporte e a educação física escolar

Não é fácil chegar a um único conceito do que é o esporte. Tubino (2002, apud BARROSO e DARIDO, 2006) busca explicar o esporte a partir de três manifestações: o esporte educação, que tem como meta o caráter formativo; esporte-participação, na qual sua finalidade é o bem-estar e participação do praticante; e o esporte-performance, objetivando o rendimento dentro de uma obediência rígida às regras e aos códigos existentes para cada modalidade esportiva. Neste trabalho, o esporte educacional e esporte-performance são protagonistas, principalmente pela forma como se manifestam no ambiente escolar, o que será tratado a seguir.

5.1.1 O início da Educação Física no Brasil e introdução do esporte de rendimento na escola

O esporte sempre esteve fortemente presente na sociedade brasileira. Sua inserção como conteúdo da educação física escolar, no entanto, não ocorreu de forma imediata (BARROSO e DARIDO, 2006, p. 103).

Segundo Bracht (1999, p. 72) a inserção da educação física como prática pedagógica no espaço escolar ocorre por forte influência da instituição militar e da medicina. Primeiramente, a interferência médica na área teve como objetivo a educação do corpo para a busca da saúde, possibilitando um corpo forte, higiênico e sadio. Posteriormente, sob influência militar, buscou-se a preparação para possíveis enfrentamentos militares, permeando fortemente o método de valores como nacionalismo e patriotismo. Ambos os métodos, que predominaram entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, eram pautados por referenciais biológicos e o conteúdo das aulas de Educação Física seguiam em conformidade com modelos existentes na Europa, baseados, sobretudo na ginástica.

Somente após a segunda grande guerra mundial, período que no Brasil também marca o término do regime político conhecido como Estado Novo, é que novas tendências

e métodos passam a emergir, focando no desenvolvimento do sistema educativo, tendo o esporte como forte integrante da Educação Física escolar. É neste período que ocorre a implementação do chamado “Método da Educação Física Desportiva Generalizada”, novamente baseando-se na cultura europeia (COLETIVO DE AUTORES, 1992, apud BARROSO e DARIDO, 2006, p. 103).

A aproximação mais acentuada entre esporte e educação física escolar ocorre com a ascensão militar no governo brasileiro, a partir de 1964. Basicamente, um seria sinônimo do outro. A prática era direcionada para a aptidão e a detecção de talentos, corroborando com um objetivo maior. Durante a ditadura, o esporte é alçado a um patamar de destaque. O foco passou a ser a busca de resultados em competições internacionais. Por um lado, estava o desejo do governo em se tornar uma potência de nação, fomentando um ambiente de desenvolvimento. Em contrapartida, era uma forma de “mascarar” os problemas internos. (BARROSO e DARIDO, 2006). Havia ainda o desejo de desenvolver a aptidão física da classe trabalhadora, o que seria importante para a capacidade produtiva da nação (Bracht, 1999)

A partir disso, Barroso e Darido (2006, p. 104) apresentam características absorvidas pela educação física escolar nesse período. As aulas passam a ter uma grande rigidez na sua formalidade, com regras normatizadas, controle exclusivo do professor para resolução de problemas e direcionando-se para a necessidade da competição. O foco é claramente o rendimento.

A partir de então, o esporte passou a conviver com o status de principal conteúdo da educação física escolar. Apesar de novas concepções e estudos emergirem nas décadas seguintes, agregando uma visão mais crítica à área e um tratamento mais pedagógico a prática, o esporte não deixou de usufruir de tal hegemonia.

[...] paulatinamente, o esporte se impõe à EF, ou seja, instrumentaliza a EF para o atingimento de objetivos que são definidos e próprios do sistema esportivo. Este processo não vai ser acompanhado de uma reação crítica da EF, muito ao contrário, ele foi saudado como elemento de valorização da EF, que passa a ser sinônimo do esporte na escola (BRACHT, 2000).

Como resultado deste processo, percebe-se o esporte permanece enraizado na educação física escolar, de forma que o pensamento de Bracht, ainda em 2000, pode descrever com exatidão o cenário encontrado no ambiente escolar nos dias atuais.

5.1.2 A educação física hoje: o esporte como conteúdo pedagógico

É parte de um pré conceito que assola a educação física escolar a compreensão de que se trata de uma prática desportiva ou vice-versa.

Para Paes (1996) e Bracht e Almeida (2003, p.98) na escola formal, o ensino do esporte na educação física deve ser focado como atividade para todos, o qual deve passar por um tratamento pedagógico, desenvolvendo-o de forma abrangente e diversificada, proporcionando ao aluno a oportunidade de conhecer, tomar gosto, aprender e manter o interesse pelo esporte, além de compreender o fenômeno esportivo.

Korsakas (2002, apud Monteiro, 2011) reforça que, para que seja uma ação educacional, o esporte deve pautar-se nos princípios da totalidade, emancipação, coeducação, regionalismo, cooperação e participação. Deve também assumir três características da ação pedagógica: integração social, desenvolvimento psicomotor e atividades físicas educativas.

Paes (1996) sugere ainda uma diferenciação entre “esporte” e “prática esportivizada”. O autor coloca o primeiro como o ideal, onde o esporte é tratado como um conteúdo de uma disciplina, explicitando seus objetivos, conteúdos programáticos e estratégias. Enquanto o segundo se apropria dos gestos esportivos para expressar uma prática pela prática, não proporcionando aos alunos um novo conhecimento e descomprometida com os objetivos e intenções do local no qual está inserido.

Do ponto de vista sociológico, Bracht e Almeida (2003, p.97) veem com dificuldade a conciliação entre esporte de alto rendimento e escola, motivado por uma incompatibilidade de valores e significados entre ambos. O esporte competitivo seria guiado por princípios como concorrência e rendimento, chegando, no seu extremo, a abdicar de valores como a saúde, o prazer e a educação.

5.2 Detecção e formação de atletas

O período entre a iniciação desportiva e o desporto de alto rendimento é designado pela teoria do treinamento desportivo como um período de formação, onde se procura desenvolver as bases que permitam aos atletas alcançar, futuramente, os tão esperados resultados. (Cafruni, Marques, Gaya, 2006, p.56).

Sobre o tema, estudos destacam a chamada “Preparação Desportiva a Longo Prazo” (PDLP), modelo cujo enfoque principal seria a de promover a elevação progressiva das exigências do treinamento, de maneira a obter uma melhora constante da

capacidade de rendimento, e obter a máxima eficiência em uma determinada idade (Cafruni, Marques, Gaya, 2006, p.56).

Encontra-se na literatura estudos que destacam uma subdivisão em estágios de desenvolvimento da PDLP, influenciadas pela idade, sexo e desporto do atleta. Em um desses estudos, Folle, Nascimento e Graça (2015) discorrem sobre as características de cada estágio.

O primeiro seria baseado na busca por uma prática lúdica e gratificante e na experimentação de diferentes modalidades esportivas por crianças e adolescentes, ainda sem nenhuma cobrança sobre o desempenho esportivo. O segundo, mais avançado que o anterior, é composto por cargas semelhantes de jogo e da prática deliberada, em que o comprometimento, aos poucos, passa a substituir o divertimento. Já o terceiro estágio teria como foco principal o aperfeiçoamento e o alcance do mais alto nível de excelência. O treinamento passa a constituir na atividade fim, com muito tempo dedicado à modalidade. Uma quarta fase seria da manutenção do auge esportivo e a constante busca pelo máximo desempenho (Folle, Nascimento, Graça, 2015).

A preocupação pela obtenção de grandes resultados deveria ocorrer a partir e, apenas, do terceiro estágio. Reside aí o erro no processo de formação de diversos atletas, vítimas de cobranças precoces de resultado. Faz-se necessário maior reflexão sobre o direcionamento do treinamento de crianças e jovens que participam de programas no desporto de rendimento. Uma orientação adequada é determinante para se atingir o desporto de alto rendimento (Cafruni, Marques, Gaya, 2006, p.56).

5.2.1 Talento esportivo

O termo talento esportivo é utilizado para as pessoas que apresentam uma aptidão muito acima da média populacional para o desempenho esportivo. O talento é, portanto, primordial para a ascendência no esporte de competição. Logo sua identificação constitui-se no primeiro passo para um difícil processo de desenvolvimento e especialização no desporto de alto rendimento, no qual muitos ficarão pelo caminho e apenas os melhores e mais preparados indivíduos alcançarão o ápice.

Para Henriksen (2010, apud FOLLE, NASCIMENTO, GRAÇA, 2015) a identificação do talento esportivo parte do princípio da existência de um talento inato, o qual é submetido a uma avaliação de pré-requisitos para identificar uma provável obtenção da excelência esportiva.

Irúrtia e Iglesias (2009) consideram a identificação e seleção dos “mais talentosos” como uma das fases mais delicadas. Teria mais talento o atleta que possui uma série de competências ideais para uma determinada especialidade desportiva, ou aquele que tem a melhor capacidade para se adaptar, ao longo do tempo, às exigências próprias de treinamento e de competição?

A sustentação científica na fase de detecção de talentos também é ressaltada pela literatura. São diversos os estudos que tratam do tema. Cada modalidade possui competências específicas que precisam ser avaliadas no processo, o que exige diferentes protocolos de detecção e seleção de um esporte para o outro. Estes precisam estar direcionados por um programa de desenvolvimento, direcionado por índices e metas a serem atingidas (Queiroz e Fernández, 2010).

Além disso, é preciso considerar as valências físicas, motoras e psicológicas dos indivíduos em um processo que deve, não apenas, observar o momento atual, como prospectar o potencial de desenvolvimento dos mesmos no futuro (no caso de crianças, quando chegarem à adolescência e fase adulta. No caso de adolescentes, quando forem adultos).

Sobre o desenvolvimento de atletas, Bastidas e Bastos (2011) destacam a importância desta fase, pois entendem que o alto desempenho esportivo na fase adulta se manifesta quando os fundamentos necessários para o mesmo são desenvolvidos na infância e juventude. Este período de maturação do atleta deveria ressaltar a aquisição de habilidades motoras e psicológicas, centrando-se na quantidade e na qualidade do processo de formação necessária para se alcançar um alto nível de desempenho (Henriksen, 2010, apud Folle et.al., 2015).

É nesse momento da formação que Marques et.al. (2014) alertam para os prejuízos de uma especialização esportiva precoce, como acontece com muitas crianças em fase de iniciação no esporte. Apropriando-se do conceito de Barbanti (2005) que define a especialização como o processo no qual o indivíduo aprofunda seus conhecimentos e capacidades específicos em determinada modalidade, estes autores consideram que nesta faixa etária, o treinamento especializado pode introduzir vivências ligadas ao mundo adulto, não respeitando a fase de maturação dos seus praticantes. Além disso, poderia colocá-los em situações de estresse e provocar o abandono da prática, assim como ser prejudicial para seu desenvolvimento global e comprometer o sucesso esportivo após a puberdade (Marques et.al., 2014).

5.3 A detecção de talentos e formação esportiva na escola: da busca às desconfianças

É de entendimento do Estado que para o sucesso na formação de novos atletas é necessário proporcionar o acesso a um número maior de crianças e jovens a diversas modalidades. Para atingir tal objetivo, reconhece a necessidade de se expandir a oferta de centros de iniciação desportiva. A grande aposta, no entanto, é que a escola seja um meio para isso.

O processo de identificação e seleção de talentos esportivos no meio escolar ganhou novos contornos e maior importância a partir da eleição do Brasil como sede dos megaeventos esportivos, como os Jogos Pan Americano de 2007, a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e, principalmente, os Jogos Olímpicos em 2016. Estes eventos obrigaram o país a desenvolver políticas de fomento ao esporte, os quais se concretizariam na formação de atletas capazes de representar o país e alçá-lo a grandes resultados. Uma ótima oportunidade de mostrar seu poderio esportivo para todo o mundo, emergindo da posição de país emergente para de potência olímpica.

Antes disso, após o fiasco brasileiro nos Jogos de Sydney, em 2000, um primeiro movimento pró-educação física já havia se disseminado pelo ambiente escolar, resultando na criação do Programa Esporte na Escola, em 2001, e no processo de revisão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRACHT, ALMEIDA, 2003).

Desde então, objetivou-se avançar em uma maior valorização da prática esportiva no ambiente escolar em um anseio de estabelecer as bases para o desenvolvimento do esporte nacional (REIS et. al., 2015).

Nesse contexto, o esporte de alto rendimento e a escola se aproximaram, tendo como respaldo a criação do Programa de Formação Esportiva na Escola – Atleta na Escola¹, em maio de 2013, de responsabilidade dos Ministérios da Educação, da Defesa e do Esporte (pela Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento - SNEAR).

Entre os seus objetivos estavam o de “incentivar a prática esportiva nas escolas, democratizar o acesso ao esporte, desenvolver e difundir valores olímpicos e paraolímpicos entre estudantes da educação básica, estimular a formação do atleta escolar e identificar e orientar jovens talentos”.

¹ Disponível em: <<http://atletanaescola.mec.gov.br/programa.html>>. Acesso em: 21 ago, 2017.

O projeto ainda contava com duas grandes ações: a promoção dos Jogos Escolares da Juventude e das Paraolimpíadas Escolares e a construção de Centros de Iniciação Esportiva. A primeira contaria com financiamento público para a organização de campeonatos nas esferas escolar, municipal/regional; estadual e nacional. Como um funil, apenas os melhores avançariam para os níveis seguintes, restando apenas os “mais talentosos” na etapa nacional, organizada pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB). Já na segunda ação, os Centros de Iniciação Esportiva receberiam justamente os destaques captados na última etapa e seriam responsáveis pela especialização e desenvolvimento do aluno atleta.

Ao analisar o programa, Reis et. al. (2015) destacam que falta coerência entre as bases teórico-conceituais do programa e o que é efetivamente realizado na prática.

Adiante o atrito comumente visto no debate sobre a apropriação do esporte de alto rendimento pela escola é evidenciado na visão de Reis et. al. (2015):

[...] a aproximação da escola com o esporte, no âmbito das políticas educacionais, exige esforços no sentido de superar, pelo menos, duas premissas enraizadas no setor: de um lado requer que o esporte e, por consequência, o setor esportivo deixe de tomar a escola como tempo e espaço de identificação de novos talentos esportivos para alimentar os propósitos do campo esportivo; e, por outro lado, a própria escola, por seu turno, precisa apanhá-lo como elemento constitutivo do processo de escolarização, reconhecendo seu potencial para a formação humana (REIS et. al., 2015).

Mascarenhas (2012) também teceu críticas a esportivização da educação física escolar, incentivada pela busca por talentos, por programas governamentais, como o Atleta na Escola. O autor reflete que o objetivo do projeto olímpico brasileiro, com estas medidas, ajuda na massificação da prática do esporte a partir do ambiente escolar, e não sua democratização.

Bueno (2008, apud REIS et. al., 2015) reforça que o investimento na escola, vista como a base de desenvolvimento do esporte, nesta perspectiva, torna inevitável a criação de um mecanismo de camadas sobrepostas da base ao topo (conceituado por alguns autores como pirâmide esportiva), pautado pela seletividade. Tal sistema, baseado na detecção de talentos, coloca o rendimento esportivo como meta e o esporte de massa e escolar como meio.

Na mesma direção, Kunz (1994, apud BARROSO e DARIDO, 2006) vê como consequência deste modelo, um pequeno grupo de alunos que vivenciarão o sucesso e uma grande maioria que se confrontará com o fracasso.

Para Bracht e Almeida (2003, p.96) programas, como o Atleta na Escola, não ajudariam na legitimação do papel da educação física na escola, mantendo um descrédito da disciplina em comparação as demais.

Reis et. al. (2015) observam ainda implicações negativas também ao professor de educação física, o qual poderia passar a se ocupar da mera atividade de ser um “olheiro” do Estado, das federações e confederações, limitando-se a “separar o joio do trigo”, peneirando novos talentos. Já a escola perderia sua identidade principal. Seu tempo e espaço seriam ocupados para o treinamento esportivo.

A realidade brasileira, no entanto, permanece na contramão do que as políticas públicas para o esporte de base querem implantar. O próprio fato de recorrer à escola para realizar a formação do atleta atribui a ela uma responsabilidade que ela pode não ser capaz de cumprir, como constatou uma pesquisa do Tribunal de Contas da União, de 2010. A figura a seguir apresenta os principais fatores que dificultam a prática esportiva na educação física em escolas públicas brasileiras, segundo parecer do órgão:

Figura 1 - Fatores complicadores para a prática esportiva na educação física em escolas públicas brasileiras:



Fonte: pesquisa eletrônica realizada junto a escolas públicas em maio e junho de 2010 (TCU, 2011)

Observando este quadro, Queiroz e Fernández (2010) consideram que o sistema escolar oferece poucas condições para que o professor consiga identificar e desenvolver atletas, seja pela estrutura curricular escolar, os materiais ou pela estrutura física que

dispõe. Avaliam, no entanto, que estes fatores limitam, mas não podem impedir a busca e formação de talentos esportivos.

Queiroz e Fernández (2010) ressaltam ainda que, para o sucesso na identificação e desenvolvimento de talentos, a prática escolar deve se pautar pela busca e incentivo da participação de todos os estudantes.

5.4 Formação esportiva: De quem é a responsabilidade?

A experiência proporcionada pela diversidade de modalidades esportivas ou multiesportivas, seja no clube ou na escola, caracteriza o modelo mais comum de iniciação esportiva no processo de formação do atleta no contexto brasileiro. Para Peres e Lovisolo (2008), o binômio escola-clube é fundamental no processo tradicional de formação de atletas no Brasil.

Na maioria dos casos é através da educação física escolar o primeiro contato da criança com esporte. Reforça esta teoria, o discurso de atletas de elite brasileiro, que pode ser observado no estudo de Peres e Lovisolo (2006), da importância da educação física esportivizada na escola como forma de vivenciar diversas modalidades esportivas e informar-se acerca desse elemento cultural.

Já a fase seguinte, de definição da modalidade, seria motivada pelo gosto, pelas possibilidades de prática nas escolinhas do clube ou pelo projeto pedagógico da escola (PERES, LOVISOLO, 2006).

No entanto, o mesmo trabalho credencia o clube como local para os “iniciantes a caminho da especialização e do aperfeiçoamento esportivo”, sem esquecer também o papel desempenhado pelo clube, em diversos casos, pela iniciação, por conta do acesso a uma diversidade de modalidades. Este binômio escola-clube caracteriza o atual processo de formação do atleta brasileiro. (PERES, LOVISOLO, 2006).

Na tentativa de se fazer um retrato acerca do Esporte de Alto Rendimento no Brasil foi lançado o Relatório de Auditoria Operacional, de autoria do Tribunal de Contas da União (TCU) e lançado em 2010. Segundo o documento, existiam no Brasil 13.826 clubes, que atendiam mais de 55 milhões de associados. Estes, no entanto, são frequentados pela elite econômica do país.

O alto nível de endividamento dos clubes é mais um obstáculo citado. Assim também como à própria distribuição geográfica dos mesmos. 49% dos clubes no Brasil estavam concentrados na região Sudeste e 30% no Sul. Apenas em seis estados (São

Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio de Janeiro) se localizavam 75% dos clubes (TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, 2010).

Concluiu-se que tais fatores impedem uma maior disseminação de uma cultura esportiva por todo país, além de contribuir para a exclusão de grande número de possíveis talentos para o esporte de alto rendimento.

Ainda segundo o relatório, uma saída seria o aumento do número de escolas/centros de iniciação esportiva. Atuando em conjunto com as escolas, estes centros poderiam receber os talentos anteriormente identificados na escola e ajudar no seu desenvolvimento no alto rendimento.

Outra proposta parte da análise de Scaglia, Medeiros e Sadi (2003), baseando-se em modelos de outros países. Estes autores buscaram entender as possibilidades e viabilidades de se associar a educação física escolar ao treinamento esportivo, este sendo praticado no contra turno da educação física. Entendem que tal modelo poderia alcançar uma educação esportiva de qualidade, além de universalizar à prática e o conhecimento do esporte, resultante do aumento da carga horária de conteúdo.

Para isso, o conceito de treinamento precisaria ser ressignificado e não desprezado, sendo preciso garantir o direito ao esporte daqueles que se destacam no interior das aulas de educação física. (SCAGLIA, MEDEIROS e SADI, 2003). Estes autores chegam a comparar a proposta anterior ao modelo esportivo cubano, o qual possui a educação física como base da pirâmide da política de esporte de alto rendimento.

5.5 Sucesso esportivo nacional

A conquista de uma medalha olímpica ou de um título mundial em sua modalidade é o ápice de todos os atletas que iniciam no esporte de alto rendimento. Além do esforço individual é necessário um conjunto de fatores externos a ele que o favoreça a chegar ao auge esportivo.

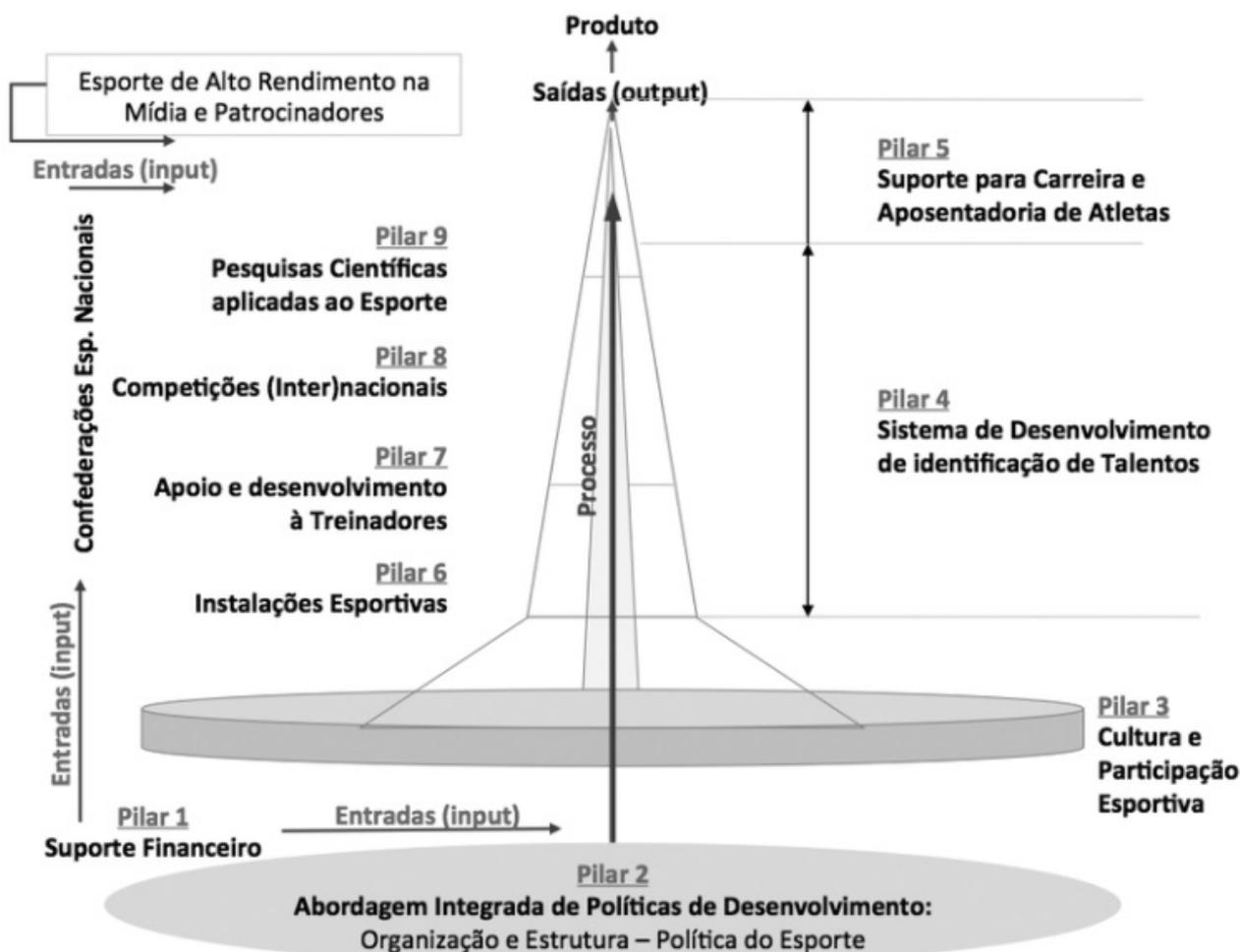
Sobre o contexto brasileiro, Bracht e Almeida (2003) identificaram duas possíveis ideias centrais que influenciaram na decisão do Estado em intervir no esporte, principalmente nas últimas quatro ou cinco últimas décadas. Primeiro, pela ótica do esporte como instrumento de ação política na esfera internacional, o que perpassa pela busca incessante por medalhas. E segundo pela ideia geral de promoção de saúde e uma melhor qualidade de vida através da prática massiva de esportes.

De Bosscher et.al. (2008, apud MAZZEI et. al., 2012) formularam um modelo teórico que apresenta características comuns das políticas de esporte existentes nas grandes potências esportivas atualmente, como tentativa de explicar o êxito destas nações. O modelo propõe nove pilares como influenciadores para o sucesso internacional em uma estrutura esportiva.

Os investimentos financeiros ocupariam a base deste sistema, que se apoiaria em ações voltadas às estruturas organizacionais do esporte para a construção de uma cultura esportiva nacional.

No corpo deste sistema estão atrelados na conjuntura de uma nação esportiva de sucesso a formação de uma estrutura de desenvolvimento e identificação de talentos; apoio à carreira de atletas e técnicos; calendário de competições nacionais e internacionais; acesso às instalações esportivas de qualidade e a aplicação de pesquisa científica na área (MAZZEI et. al., 2012), como pode ser visto no gráfico a seguir:

Figura 2 - Modelo teórico dos nove pilares da estrutura esportiva que influenciam o sucesso internacional



(Mazzei et. al., 2012, adaptado e traduzido de De Bosscher et. al., 2008)

6. Resultados e Discussões

6.1 Formação escolar e características da educação física vivenciada

Com os dados levantados por esta pesquisa é possível ter uma noção de alguns aspectos que permearam a formação escolar dos sujeitos estudados, em especial, no que tange suas relações com a educação física escolar e demais atividades físicas que ocorriam na escola.

Do universo de 21 atletas que participaram do estudo, 11 (ou 52,4%) estudaram por mais tempo em escola particular, enquanto 10 (ou 47,6%), no público.

Quanto à ocorrência das aulas de educação física durante a educação básica, observou-se que a disciplina esteve presente no currículo de todos os indivíduos, em toda ou na maior parte da educação básica. Importante salientar que, pela variabilidade na faixa etária dos atletas pesquisados, entre 26 e 57 anos, foram contemplados indivíduos de diferentes gerações, que passaram pela escola em diferentes décadas e, ainda assim, todos tiveram contato com a educação física escolar.

O mesmo raciocínio pode ser usado na comparação de atletas que estudaram mais tempo no Distrito Federal com aqueles que estudaram mais tempo em outro estado. Ambos tiveram educação física na educação básica.

Acerca da frequência com que as aulas de educação física aconteciam, 66,7% tiveram aulas duas vezes por semana na maior parte da vida escolar. Os outros 33,3% tinham apenas uma vez.

Quanto à organização da educação física dentro da grade horária escolar, observou-se uma prevalência pelas aulas ocorrerem entre as demais disciplinas, com 18 respostas entre 21 possíveis. Em seguida, com seis respostas, estavam à ocorrência da educação física no contra turno. E, por último, pela aula em um dia destacado da grade horária, com apenas uma resposta.

Sobre a frequência de modalidades esportivas nas aulas de educação física, observou-se grande predominância deste conteúdo. Mais de 70% dos entrevistados se deparavam com este conteúdo sempre (38,1%) ou quase sempre (33,3%). Esta

estatística ajuda a compreender por que educação física e esporte são, muitas vezes, tratados como sinônimos.

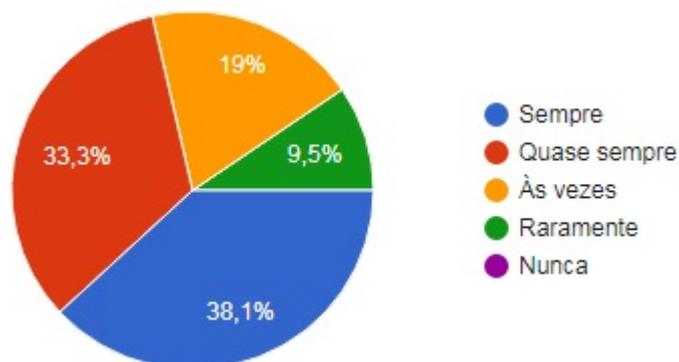


Gráfico 1 - Frequência do esporte como conteúdo nas aulas de educação física dos atletas entrevistados

No entanto, embora os dados apontem para uma presença hegemônica do esporte na educação física, a escola ficou em segundo plano quanto ao local de iniciação esportiva dos atletas entrevistados. Apenas sete dos 21 entrevistados (33,3%) deram seus primeiros passos na escola na modalidade que seguiu carreira.

Os dados são ainda mais relevantes, pois os esportes praticados por este grupo se resumem a basquete, atletismo, voleibol e handebol, o que nos leva a interpretar que embora o esporte seja o conteúdo mais disseminado na escola, isso não é garantia de uma diversidade maior de modalidades vivenciadas. Os esportes citadas são, geralmente, os mais presentes nas aulas de educação física, ao lado do futsal.

Diversos motivos podem ser usados para explicar a ausência de outras modalidades nas aulas. Pode-se citar a falta de qualificação do professor para adaptar e ensinar esportes mais complexos, a escassez de materiais ou estrutura limitada para prática esportiva, argumento esse, o mais utilizado.

No entanto, no quesito estrutura, na percepção de somente quatro entrevistados (ou 19%), a escola onde estudaram não dispunha de estrutura adequada para a prática da atividade física/esporte. Destes, três estudaram por mais tempo em escolas públicas.

Ainda sobre a estrutura, quadra poliesportiva descoberta, pátio descoberto e quadra poliesportiva coberta foram, nesta ordem, as instalações mais comuns nas escolas frequentadas pelos 81% dos atletas que consideraram estudar em local que possuía estrutura adequada para a prática da atividade física/esporte. Demais instalações e a quantidade de suas respectivas citações podem ser observadas no gráfico abaixo.



Gráfico 2 - Estrutura disponível nas escolas as quais os atletas entrevistados estudaram

No que tange, mais especificamente, a conciliação de rotina escolar e treinamentos, destacaram-se duas situações que monopolizaram as respostas nesse item. Para 52,4% dos atletas entrevistados não houve dificuldade de conciliação. Enquanto para 42,9% houve muita dificuldade de conciliação, mas conseguiram prosseguir com os estudos. Em apenas um caso (4,8%), foi preciso o atleta abandonar a escola.

As estatísticas não chegam a surpreender, mas preocupam. Evidencia como é difícil conciliar as carreiras de atleta e estudante. É nesse ponto, em que ocorre grande índice de desistência da carreira esportiva. Caso essa desistência não ocorra, é o lado escolar quem é prejudicado. Sem o suporte necessário, há defasagem de aprendizagem de um lado e ou queda de rendimento esportivo do outro. Em longo prazo, são as duas carreiras que podem ser prejudicadas.

Finalmente, o gráfico adiante apresenta a percepção dos entrevistados sobre a contribuição da escola para sua formação como atleta.

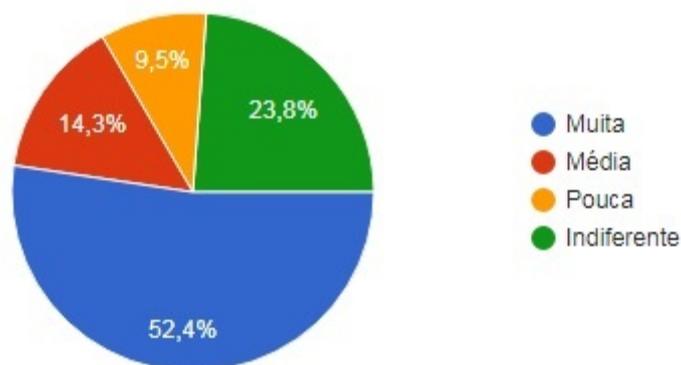


Gráfico 3 - Percepção sobre a contribuição da escola para a carreira esportiva dos atletas entrevistados

Os resultados, até certo ponto, podem ser considerados contrastantes. Enquanto para 52,4% houve muita contribuição da escola, para outra porcentagem significativa (23,8%) essa contribuição foi indiferente.

6.2 Escolaridade e carreira profissional

Além de alcançarem carreiras de alto nível como atletas profissionais, os sujeitos deste estudo também conseguiram elevada formação acadêmica, como observado no gráfico a seguir.



Gráfico 4 - Nível de escolaridade dos atletas entrevistados

É mostrado que todos os entrevistados alcançaram no mínimo o ensino superior incompleto. 42,9% possuem até especialização, enquanto 28,6% possuem formação superior completa. Acredita-se que o fato de haver maioria de atletas afastados a algum tempo do esporte de alto rendimento tenha contribuído para a elevação do índice de escolaridade da amostra. Pela dificuldade de conciliação da formação superior com a

rotina provocada pelo esporte de alto rendimento, o caminho natural para muitos atletas é a busca de qualificação acadêmica após o fim da carreira.

A área do conhecimento que buscam se especializar costuma estar relacionado ao esporte. Dos 21 entrevistados, oito optaram pela formação superior em Educação Física. O segundo curso mais procurado foi Administração, com quatro citações. Ainda foram mencionados, com uma citação cada, os cursos de Publicidade e Propaganda, Comércio Exterior, Engenharia Civil, Engenharia Química, Gestão Esportiva, Marketing, Pedagogia, Psicologia e Zootecnia.

6.3 Iniciação e formação esportiva

Sobre este tema, primeiramente a pesquisa buscou conhecer as razões motivadoras para o início do atleta na modalidade em que fez carreira. Destacaram-se entre as principais motivações a influência de grupos sociais importantes para a formação do ser humano, como a escola, os amigos e principalmente a família.

Estes dados corroboram com Vilani e Samulski (2002) que também mencionam a família como favorável para a construção de uma carreira bem sucedida de um atleta, seja pelo encorajamento, aquisição de valores e apoio prestado durante toda a carreira.

Em três respostas houve a citação clara sobre a influência dos pais para a iniciação na modalidade. Em outras duas respostas, a influência de irmãos foi lembrada, mesmo número de citações aos amigos.

Dois entrevistados colocam a educação física escolar como motivadora. Outra resposta mostra a “insistência de um professor” como responsável pela iniciação.

O gosto por esportes em geral e o aprendizado de uma modalidade específica também foram respostas citadas mais de uma vez. Ainda apareceram respostas no questionário como “auto-superação”, “por acaso” e por assistir jogos da seleção brasileira daquele esporte.

Para conhecer mais da formação dos atletas entrevistados, a tabela 1 apresenta os dados obtidos de cada sujeito quanto à modalidade, idades de iniciação esportiva, especialização e profissionalização, além dos locais onde ocorreu a iniciação e a especialização esportiva.

Tabela 1 - Dados de idade e locais durante a formação esportiva dos atletas entrevistados

At	Sexo	Modalidade	Idade de IE	Local de IE	Idade de EE	Local de EE	Idade de Pr
1	Masc	Tiro esportivo	33	Clube	34	Clube	Nunca foi profissional
2	Masc	Triatlo	18	Clube	18	Sozinho (Planilha de treino)	19
3	Fem	Natação	7	Escola de natação	12	Clube	14
4	Fem	Judô	11	Clube	15	Clube	17
5	Masc	Basquete	10	Projeto social	15	Clube	16
6	Fem	Tênis	3	Clube	5	Clube	17
7	Masc	Vôlei	6	Espaços públicos	14	Clube	21
8	Fem	Natação e Triatlo	4	Clube	10	Escola	13
9	Masc	Basquete	4	Escola/ Clube	13	Escola	19
10	Masc	Judô	4	Academia	4	Academia	16
11	Masc	Basquete	10	Escola	12	Escola	15
12	Masc	Atletismo	13	Escola/Rua	16	Escola	21
13	Masc	Saltos Ornamentais	7	Piscina pública	7	Piscina pública	16
14	Masc	Marcha Atlética	16	Projeto Social	16	Projeto Social	16
15	Masc	Basquete	13	Escola	13	Escola	17
16	Masc	Handebol	11	Escola	11	Escola	14
17	Masc	Saltos Ornamentais	6	Clube	9	Projeto Social	18
18	Masc	Atletismo	13	Vizinhança	15	Vizinhança	24
19	Fem	Vôlei	14	Escola	15	Clube	17
20	Fem	Atletismo	16	Escola	17	Escola	19
21	Fem	Natação	4	Clube	4	Clube	12

At = Atleta Masc = Masculino Fem = Feminino

EE = Especialização esportiva IE = Iniciação esportiva Pr = Profissionalização

6.4 Percepção sobre a detecção e formação de atletas pela escola

Para introduzir este tema, a seguir é apresentada a percepção dos 21 entrevistados sobre as funções e propósitos das atividades físicas desenvolvidas na escola. A tabela mostra o total de votos que cada opção, correspondente a uma possível obrigação destas atividades, recebeu, segundo julgamento dos atletas.

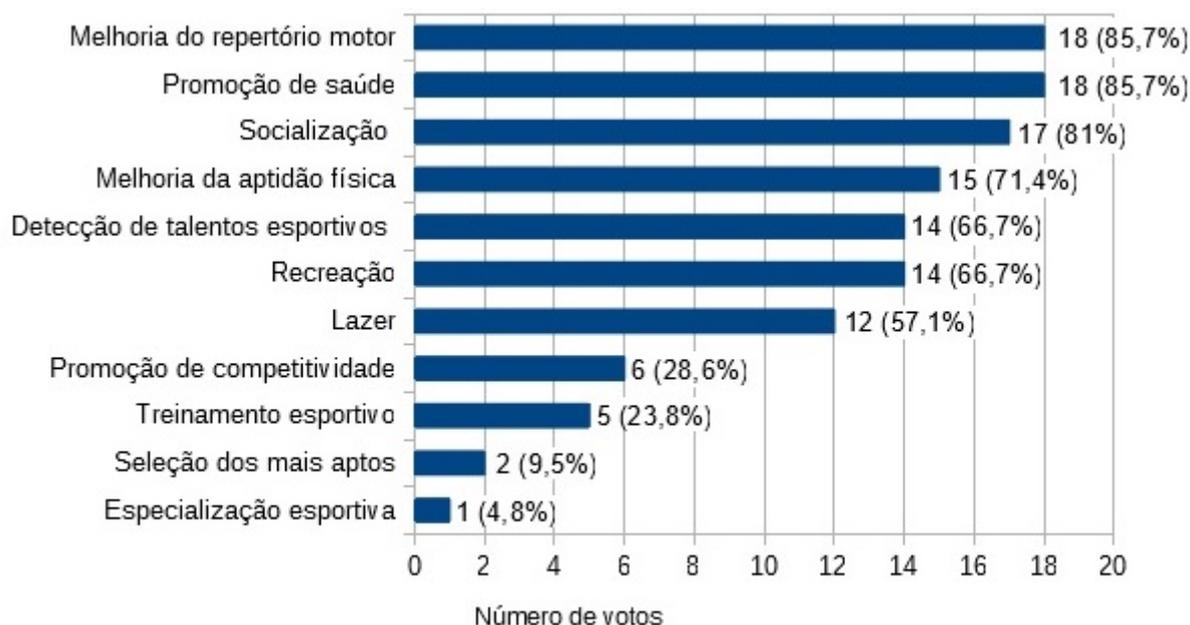


Gráfico 5 - Percepção sobre as obrigações que as atividades físicas desenvolvidas na escola deveriam desempenhar

Das possíveis obrigações das atividades físicas desenvolvidas na escola com mais votos foram “Promoção de saúde” e “Melhoria do repertório motor”, mencionados por 85,7% dos entrevistados. Em seguida vieram “Socialização” e “Melhoria da aptidão física”, com 81% e 71,4%, respectivamente. Apenas depois vieram a “Recreação” e a “Detecção de talentos esportivos”, lembrados por 66,7% dos entrevistados.

Por outro lado, vale ressaltar que aspectos pertencentes à formação de atletas foram pouco votados. O “Treinamento esportivo” foi mencionado por somente 23,8% dos atletas. O item “Seleção dos alunos mais aptos esportivamente em detrimento dos menos aptos” por 9,5% e “Especialização esportiva”, por 4,8%.

A partir dessa informação, é possível confrontar os dados obtidos com o depoimento escrito dos atletas. No que se refere à detecção de talentos pela escola, pôde ser obter uma gama rica e diversa de opiniões e argumentos sobre o tema.

Como comprovado pelo dado anterior, na opinião da maioria dos atletas entrevistados a escola deve detectar talentos esportivos. Um dos principais argumentos diz respeito à quantidade de crianças com potencial destacado disponíveis nas escolas, visto como o local mais democrático para que mais talentos tenham chances de serem descobertos, conforme trechos de respostas mostrados a seguir: “... *grandes talentos esportivos estão nas escolas e acabam passando despercebidos*”, “*Na escola é o local onde se encontra a maior quantidade de crianças dentro de uma frequência possível para*

se descobrir talentos” e em “... na escola os educadores físicos veem todos os alunos. Já os clubes só recebem os que interessam na modalidade”.

Na mesma linha, alguns consideram que a seleção de talentos pode ser mais eficiente no ambiente escolar. *“é nas escolas onde as crianças ficam concentradas por idade. Fica mais fácil a comparação entre elas e assim decidir qual esporte encaminhá-la”.*

A possibilidade de detectar mais precocemente os talentos na escola também foi destacada em algumas respostas: *“... quanto mais cedo for detectado o talento, mais chances o atleta tem de desenvolver ao máximo sua potencialidade”, “é o início do contato da criança com o esporte, ao detectar o professor inclui o atleta em uma modalidade esportiva a qual o atleta tem aptidão” e em “... com vistas a oportunizar para que possam desde cedo, se desejarem, se prepararem para a carreira de atleta”.*

Por outro lado, os quatro entrevistados que discordaram que esta seja uma função das atividades físicas desenvolvidas na escola, também seguiram uma linha de raciocínio parecido. Segundo eles, este não é nem deve ser o foco principal da escola: *“Não. Acho que o papel da escola é fazer com que o aluno vivencie várias atividades esportivas de maneira lúdica e pegue gosto pela prática esportiva”.*

Porém, estes acreditam que seria viável o encaminhamento dos talentos que se destacarem para locais específicos que tenham como finalidade a formação esportiva, como exemplificado adiante: *“Não deveriam ter esse foco, mas se o professor observar um talento ele pode indicar um local aonde esse jovem poderá evoluir com futuro atleta” e em “Não devem ser moldadas para este fim. Porém, se algum aluno(a) se destacar, a escola deve encaminhar para um centro de treinamento, para que ele(a) possa desenvolver sua habilidade física”.*

Houve ainda, posturas mais neutras, que destacaram aspectos mais amplos da política de formação de atletas no Brasil, que, por consequência, deságua na escola: *“Havendo espaços esportivos nas escolas e uma política para aumentar a prática da atividade física, naturalmente teremos atletas aptos à prática sistêmica de esporte de rendimento” e em “Penso que a atividade física deveria ser mais valorizada em nosso país, despertando nas crianças a vontade de continuar sua prática, consequentemente a detecção de talentos acabaria por ser natural”.*

Sobre a formação de atletas pelas atividades físicas desenvolvidas na escola foi possível notar maior equilíbrio entre opiniões favoráveis e contrárias a esta ideia em relação à discussão anterior.

De forma geral, as opiniões a favor argumentaram sobre o potencial da escola, devido à quantidade de material humano que pode ser lapidado e por ser o local do primeiro contato de muitas crianças com o esporte. Até por isso, deveria arcar também com uma formação esportiva inicial, básica, oferecida especialmente aos talentos prospectados, além de introduzi-los, aos poucos, ao esporte competitivo, seja através de torneios escolares ou pela indicação a um clube ou escolinha especializada na modalidade.

A seguir, alguns trechos destacados que ajudaram a compor o esboço apresentado no parágrafo anterior:

“Deveriam ser a base. Pois é na escola que a criança tem que ter o primeiro contato com o esporte”.

“... os jovens são direcionados a atividades que agregam valores a sua vida”.

“Sim, o esporte escolar é de suma importância na formação de grandes atletas”.

“Sim, pois nela o professor pode avaliar um biótipo específico para modalidade e até encaminhar para o clube mais cedo, tendo em vista que a competição escolar ainda tem muito que melhorar em comparação aos das federações”.

“Sim. Porque é o primeiro contato com o esporte como competição e também por ser acompanhado por um educador, que entendo, o professor ser melhor preparado para o ensino”.

“É um momento da vida do estudante que ele pode se dedicar ao esporte e a escola sem que isso possa atrapalhar o seu desenvolvimento motor e escolar”.

Quanto às opiniões que apresentaram ponto de vista contrário a atribuição da formação de atletas pela escola foi percebida respostas mais consistentes sobre o tema. De forma geral, entende-se que a prática de atividade física na escola deve ser universal, isto é, a todos os alunos. Ela deve apresentar variadas modalidades esportivas, de modo a gerar familiarização dos estudantes com o conteúdo e a conscientização de seus benefícios para que o incorporem para um hábito saudável. Se houver interesse em seguir carreira no esporte profissional, estes estudantes deveriam ser encaminhados para clubes e escolinhas especializadas, mas não a escola, pois não teria tempo suficiente

para professores se dedicarem a esta finalidade e isso implicaria numa seleção natural, onde apenas os mais talentosos seriam beneficiados.

Abaixo, algumas respostas destacados que ajudaram a compor o esboço apresentado no parágrafo anterior:

“Não. Atividades físicas nas escolas deveriam apenas introduzir atividades físicas para os alunos. A formação de atletas, em minha opinião, deve ser feito pelos clubes/ escolinhas com profissionais especializados”.

“Não, o professor não tem tempo para focar no alto rendimento. Poderá até detectar, porém o terreno para a formação requer tempo que esse profissional não dispõe”.

“Não. Porque na especialização não há espaço pra todos sejam atendidos”.

“Não. As atividades físicas na escola devem alfabetizar "motormente" as crianças e introjectar nelas o prazer e o hábito da prática esportiva”.

“Não. O esporte nas escolas será o meio de familiarizar o esporte na vida dos alunos”.

“Acho que pelo pouco tempo de educação durante a semana isso não seria papel da escola”.

Finalmente, um dos dados mais impactantes deste trabalho se refere à percepção dos atletas entrevistados sobre a qualidade da atual estrutura de detecção e formação de atletas no Brasil. Os resultados são mostrados a seguir:

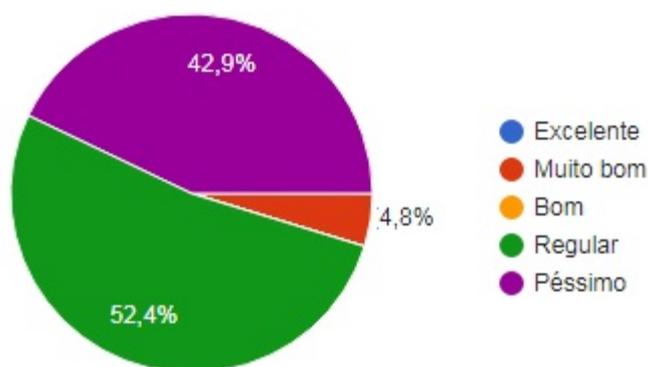


Gráfico 6 - Percepção sobre o atual modelo de detecção e formação de atletas no Brasil

É quase unânime a ideia de que a atual estrutura de detecção e formação de atletas no Brasil é ruim.

Ao justificar esta resposta, observa-se que a maioria dos argumentos recaiu nas falhas na detecção de talentos, em falhas em oportunizar que mais pessoas, principalmente quando crianças, na escola, tenham contato e possam desenvolver interesse pelo esporte, na falta de estrutura e na falta de investimentos no esporte de base e no esporte escolar.

A partir de algumas respostas, pode-se concluir sobre a percepção destes atletas que no Brasil a ascensão ao esporte de elite seria obra do acaso, possível a indivíduos que conseguiram sobressair e superar diversas barreiras para atingir o sucesso esportivo. Em resumo, este sucesso é resultado do esforço de poucos e não consequência da estrutura de formação de atletas.

As respostas também geraram sugestões para a melhora desta estrutura. Pode-se observar que a escola ou a educação física escolar sempre foi citada nestas sugestões, como se vê nestes trechos:

“Precisa de um campeonato escolar mais forte, detectar talentos na escola e a partir daí encaminhar para os clubes formadores”;

“... poderia ser muitíssimo melhor, via esforços conjuntos de poder público, privado, escolas e clubes”;

“... precisamos melhorar a capacidade dos profissionais de educação física, além de dar melhores estruturas para trabalhar e fazer o aluno ter interesse em praticar esporte”;

“A escola deve estar integrada a prática esportiva e ao esporte, desde o maternal até o doutorado, na mesma intensidade que o saber acadêmico”.

7. Conclusão

Há uma percepção geral entre atletas elite que a estrutura de formação de atletas no Brasil é deficiente. Esta conclusão é grande relevância por vir de indivíduos que estão ou já estiveram inseridos nesta estrutura e que, de alguma forma, servem de espelho para as futuras gerações de atletas.

Verificou-se que não há uma receita pré definida para se alcançar o sucesso esportivo. Cada atleta possui um caminho, uma história própria e única até alcançar tal patamar. Em comum apenas todas as barreiras que foram vencidas neste percurso. Logo, o sucesso no esporte de alto rendimento pode ser considerado como resultado mais do esforço de poucos que como uma consequência de uma estrutura de formação de atletas.

Se os fracassos nacionais na esfera esportiva são muitas vezes atribuídas a escola, a esperança por uma mudança positiva neste cenário também é depositada nela.

Não há dúvidas sobre o potencial do ambiente escolar. Acredita-se que ela deva ser a base da estrutura esportiva no país. A percepção tanto das políticas públicas de esporte como dos atletas de elite é que a escola seja o principal meio de detecção e captação de talentos esportivos. Isso, principalmente, pela quantidade de crianças disponíveis e à espera de serem descobertas e lapidadas.

Até por isso, se vê com naturalidade a hegemonia do esporte como conteúdo das aulas de educação física. Por um lado, encontra-se discursos que defendem a massificação do esporte no local com interesses claros na identificação daqueles que mais se destacam. Por outro, há discursos que acreditam democratização do esporte como fator social, de promoção de saúde, lazer e de aprimoramento do repertório motor do indivíduo.

Pela pesquisa, observou-se que a iniciação esportiva na escola ocorreu em esportes específicos, como vôlei, basquete, handebol e atletismo, modalidades que ao lado do futsal, são as mais representativas na educação física escolar em geral. Nas demais modalidades, cabe ao clube, escolinha, projeto social ou o próprio interesse da pessoa a responsabilidade pela iniciação e formação esportiva, ao passo que é elevado o número de atletas que consideram pequena a contribuição da escola para sua carreira esportiva.

Se a detecção de talentos na escola é defendida pela maioria dos atletas de elite, a formação esportiva no local é um ponto de maior divisão de opiniões. Enquanto alguns acreditam que esta é mais uma atribuição da escola, outros pensam que o correto seria o encaminhamento dos talentos descobertos para locais próprios para esta finalidade.

A pesquisa também confirmou que existe uma dificuldade de conciliação da escola com a formação esportiva, o que é mais uma herança de uma estrutura ineficiente de formação de atletas. Essa dificuldade causa prejuízos para o desempenho acadêmico e ou esportivo do aluno atleta.

Não há dúvidas do papel transformador do esporte na vida do ser humano. O esporte deve sim ser trabalhado e valorizado nas escolas. Ela deve permitir que o maior número possível de alunos tenham contato com as modalidades esportivas, de forma que tomem gosto pela prática e as incorporem em suas vidas, possibilitando um estilo e vida mais saudável, independente de seguir ou não o caminho do esporte de alto rendimento.

Após estas considerações, pode-se concluir que muitas mudanças são necessárias para alavancar o esporte brasileiro e que o investimento público e privado no esporte escolar e de base, somados a esforços conjuntos de clubes, escolas, centros de desenvolvimento de atletas e federações podem significar o início desta mudança.

8. Bibliografia

- BARROSO, André Luís R.; DARIDO, Suraya C. Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, v. 1, n. 4, p. 101-114, 2006.
- BASTIDAS, Marina Gallego, et al. A lei de incentivo fiscal para o desporto e a formação de atletas no Brasil. *Revista intercontinental de gestão desportiva*, 2011, 1.2: 111-121.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. *Caderno Cedes*, ano XIX, nº 48, p.69-89, agosto 1999.
- BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Movimento*, v. 6, n. 12, p. XIV, 2000.
- BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Q. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. *Revista brasileira de ciências do esporte*, 2003, 24.3.
- CAFRUNI, Cristina; MARQUES, António; GAYA, Adroaldo. Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil: Estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. *Revista portuguesa de ciências do desporto*, v. 6, n. 1, p. 55-64, 2006.
- CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. Metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- DA UNIÃO, Brasil-Tribunal de Contas. Relatório de Auditoria Operacional: Esporte de Alto Rendimento. *Brasília: Tribunal de Contas da União, Secretaria de Fiscalização e Avaliação de Programas de Governo. Disponível em: <http://portal.tcu.gov.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?inline=1&fileId=8A8182A14D92792C014D9284CABD6FA2>. Acesso em 16 ago, 2017.*
- FOLLE, Alexandra; DO NASCIMENTO, Juarez V.; DOS SANTOS GRAÇA, Amândio B. Processo de formação esportiva: da identificação ao desenvolvimento de talentos esportivos. *Journal of Physical Education*, 2015, 26.2: 317-328.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- IRÚRTIA, Alfredo; IGLESIAS, Xavier. A formação de jovens atletas: da detecção do talento à intervenção federativa. Institut Nacional d'Educació Física de Catalunya. Barcelona, 2009.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARQUES, Renato F. et al. Formação de jogadores profissionais de voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce. *Revista Brasileira de Educação Física e*

Esporte, v. 28, n. 2, p. 293-304, 2014.

MASCARENHAS, F. Megaeventos esportivos e educação física: alerta de tsunami. *Movimento*, Porto Alegre, v.18, n.1, p. 39-67, jan./mar. 2012.

MAZZEI, L. C., et al. Centros de Treinamento Esportivo para o Esporte de Alto Rendimento no Brasil: um estudo preliminar. *Revista Mineira de Educação Física*, Ed. Esp.(1), 2012, 1575-1584.

MONTEIRO, Alessandra. As modalidades esportivas e os jogos no âmbito escolar. *W Educacional Editora e Cursos Ltda: Brasília-DF*, 2011.

PAES, Roberto Rodrigues, et al. Educação Física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. 1996.

PERES, Lila; LOVISOLO, Hugo. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. *Journal of Physical Education*, 2008, 17.2: 211-218.

QUEIROZ, André M., FERNÁNDEZ, Luis C. Detecção de talentos na escola: possibilidades e limitações. *Revista Digital EFDeportes*, Buenos Aires, v.15, n.144, mai. 2010.

REIS, Nadson S., ATHAYDE, Pedro F. A., DO NASCIMENTO, Edriane L., MASCARENHAS, Fernando. Programa de formação esportiva na escola–Atleta na Escola: fundamentos lógicos e circunstâncias históricas. *Motrivivência*, 2015, 27.44: 190-206.

SCAGLIA, Alcides J.; MEDEIROS, Mara; SADI, Renato S. Competições Pedagógicas e Festivais Esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. *Revista Virtual EF Artigos*, 2006.

VILANI, Luiz Henrique P.; SAMULSKI, Dietmar. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes.

9. Apêndice

Apresentação do questionário e termo de consentimento livre e esclarecido de participação na pesquisa

Pesquisa sobre a “O papel da escola na detecção e formação de talentos esportivos na perspectiva de atletas profissionais de elite”

Brasília, DF – novembro de 2017.

Prezado(a) Senhor(a),

Este questionário é parte fundamental da pesquisa que possui o título “O papel da escola na detecção e formação de talentos esportivos na perspectiva de atletas profissionais de elite”, realizada pelo graduando Pedro Paulo Soares Ramos, com orientação do Prof. Dr. Paulo Henrique Azevêdo e apoio do Laboratório de Pesquisa sobre Gestão do Esporte – GESPORTE, em pesquisa para a Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (FEF-UnB).

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), desta pesquisa. Sua colaboração permitirá a conclusão de um estudo técnico-científico que implicará em novos conhecimentos sobre o processo de detecção e formação de atletas no Brasil, assunto de grande interesse atualmente.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Não há qualquer risco em sua participação no estudo. Ele não será remunerado nem implicará em gastos para os participantes.

Para que as respostas representem a realidade de forma fidedigna, é garantido a confidencialidade e impessoalidade do respondente ao questionário, bem como das respostas.

Todos os dados serão tratados no conjunto das respostas e nunca de maneira personalizada.

Pedimos, por gentileza, que leia atentamente as questões e opções de resposta, seguindo as instruções de preenchimento.

Agradecemos desde já a atenção dispensada.

Atenciosamente,

Pedro Paulo Soares Ramos
Graduando de Educação Física da Universidade de Brasília

Lista de atletas que participaram do estudo:

Atleta	Modalidade
Renato Portela	Tiro Esportivo
Leandro Macedo	Triatlo
Fernanda Alvarenga	Natação
Érika Miranda	Judô
João Vianna (Pipoka)	Basquete
Claudia Chabalgoity	Tênis
Rui Campos	Vôlei
Mariana Ohata	Triatlo/Natação
Arthur	Basquete
Luciano Corrêa	Judô
Márcio Cipriano	Basquete
Joilto Bonfim	Atletismo
Hugo Parisi	Saltos Ornamentais
Caio Bonfim	Marcha Atlética
Alex Garcia	Basquete
Gilberto Cardoso	Handebol
César Castro	Saltos Ornamentais
Ricardo Vidal	Atletismo
Ricarda Lima	Vôlei
Carmem de Oliveira	Atletismo
Larissa Cieslak	Natação